

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS

BACHARELADO EM TEOLOGIA

ARNALDO TRINDADE DE SOUZA

A IMPORTÂNCIA DA FÉ CRISTÃ PARA A PESSOA HUMANA

ANÁPOLIS – GO

2019

ARNALDO TRINDADE DE SOUZA

A IMPORTÂNCIA DA FÉ CRISTÃ PARA A PESSOA HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em bacharelado a ser apresentado em 26 de fevereiro de 2019 à Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de bacharel em Teologia sob orientação do Prof. Dr. Frei Flávio Pereira Noieto.

ANÁPOLIS – GO

2019

FOLHA DE APROVAÇÃO

ARNALDO TRINDADE DE SOUZA

A IMPORTÂNCIA DA FÉ CRISTÃ PARA A PESSOA HUMANA

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em bacharelado a ser apresentado em 26 de fevereiro de 2019 à Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de bacharel em Teologia sob orientação do Prof. Dr. Frei Flávio Pereira Noletto, cuja nota _____.

Data da Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fr. Flávio Pereira Noletto

Dedicatória
In memoriam
À minha mãe,
Maurícia Ferreira de Souza,
que me ensinou a fé católica.

Para aqueles que crêem em Deus, nenhuma explicação é necessária. Para aqueles que não crêem em Deus, nenhuma explicação é possível. (Filme: A Canção de Bernadete – 1943)

RESUMO

A pessoa humana é uma realidade aberta à felicidade. Dentro do contexto atual não é completamente feliz. Mas a felicidade verdadeira não é uma simples satisfação pessoal; é mais do que isto. A realidade humana mostra que a pessoa não está plenamente realizada; há algo que lhe falta. O cristianismo é o portador da fé, dom de Deus para a humanidade. A fé ajuda a pessoa a se encontrar com Deus, razão suprema do ser humano. Ela que dá razões superiores da realidade, mostrando que Deus nunca abandona a pessoa em sua existência. Por isso, a fé deve estar inserida na vida diária, nos acontecimentos e para além da morte. O homem está em busca da verdade. Não de uma verdade qualquer, mas da verdade primeira que se chama Deus. Então, o cristianismo apresenta a fé como instrumento que ilumina a vida humana, indicando-lhe seu princípio e fim. A fé, que não contradiz a razão, mas a ilumina e a eleva, deve ser acolhida com liberdade.

Palavras-Chave: Pessoa Humana, Dom da Fé, Existência e Fé, Deus, Vida, Liberdade.

ABSTRACT

The human person is an open reality to happiness. Within the current context it is not completely happy. But true happiness is not a mere personal satisfaction; It's more than that. The human reality shows that the person is not fully realized; there is something missing. Christianity is the bearer of faith, God's gift to mankind. Faith helps the person to meet God, the supreme reason of the human being. The faith gives superior reasons for reality, showing that God never abandons the person in its existence. Therefore, faith must be inserted in daily life, in events and beyond death. The man is in search of the truth. Not of some truth, but of the first truth that is called God. Then Christianity presents faith as an instrument that illuminates human life, indicating its beginning and end. Faith, which does not contradict reason, but illuminates and raises it, must be welcomed with freedom.

Key words: Human Person, Gift of Faith, Existence and Faith, God, Life, Freedom.

INTRODUÇÃO

A fé cristã constitui um dom de Deus à humanidade. No cristianismo se torna o fundamento essencial do mesmo. O cristianismo é, portanto, o portador deste dom a ser anunciado em todos os tempos e por todo o mundo.

Por este dom, Deus ajuda a pessoa, ainda a caminho nesta vida, a ter acesso a Ele, seu Criador. A fé como uma luz ilumina para Deus; como a estrela de Belém iluminou e conduziu os magos ao Cristo, luz dos povos.

O tema escolhido, a importância da fé cristã para a pessoa humana, demonstra a preocupação pela falta de se compreender e aceitar que o dom da fé é uma proposta. Uma proposta que não só visa a felicidade eterna, mas que visa também a felicidade nesta vida, pois a fé é o início da vida eterna.

Neste trabalho não se pretende dissertar sobre a fé em si, porque tem-se percebido que a respeito da mesma, muitos sabiamente têm tratado com mais objetividade, cientificidade e profundidade, como se sabe. E, por isso, para que não se caísse na repetição, pareceu melhor optar por um tema que fosse mais aberto, mais elástico, mais analítico; deixando a assim o campo ao dispor para ulteriores aprofundamentos.

Então não se propõe repetir o que já se expôs, mesmos com outras palavras, mas tentar refletir a fé dentro da existencialidade da pessoa, no seu cotidiano, na sua dinâmica, nos seus movimentos interiores e exteriores, em tudo que diz respeito à sua vida.

O conteúdo deste trabalho é composto por nove capítulos. Cada capítulo prepara o assunto do seguinte, mostrando assim a unidade de todo o trabalho. No primeiro, o ser humano é visto como abertura. Sujeito de relacionamento, como uma peça pronta para se conectar com as demais. Uma realidade acabada, mas que continua apta a desenvolver-se em suas adaptações.

Dentro desta visão vê-se a necessidade da liberdade, que possivelmente brota da inteligência e vontade e/ou da vontade, confundindo com esta, ou seja, a liberdade seria a vontade em ação. Destes pontos de vistas, nasce a busca, uma vez que seja abertura e liberdade, surge o premente desejo de encontrar algo com que possa se relacionar, tendo como pressuposto a inteligência e vontade, bem como a matéria e outras realidades.

Este pensamento, evidentemente, dentro da visão cristã, frisa que Deus responde aos anseios do coração humano, pois Ele é seu criador, portanto o programador, o projetor, não para ser uma máquina, mas uma pessoa capaz de amar e de ser amada. Mas para se chegar ao bem máximo, ao qual o coração humano almeja, suas forças e capacidades humanas são insuficientes. Deus responde-lhe, dando-lhe a capacidade de atingi-lo pela fé.

A fé é uma virtude que está relacionada diretamente a Deus. Esta virtude provocará aquilo que a pessoa aspira, a relação direta com Aquele que constitui o único e verdadeiro bem, Sumo Bem. Isto no encontro pessoal, que modifica para sempre a visão, a vida, a existência da pessoa.

Este dom, no entanto, deve se inserir e nortear todos os aspectos existenciais da vida da pessoa, pois não basta ter fé, é preciso que seja viva, atuante. A vida cristã só tem sentido por causa da fé. É ela que faz real no coração do cristão a substância do que se crer. Por isso, a vida cristã não pode divergir da fé; não pode ter dissociação entre as duas, senão a fé se torna morta, inútil.

Mas quando há sintonia entre as duas, ocorre uma ciranda de cores e harmonia que culminará num testemunho vivo e significativo aos olhos de Deus e dos demais. Quando a pessoa consegue viver a sua fé cristã, acontece uma tremenda reforma de vida, que não significa deixar de ser ela mesma, mas uma manifestação da grandeza da pessoa elevada ao mais alto grau da realidade sobrenatural.

A visão, o pensar, o agir, o ser, até os menores gestos estão encharcados do sobrenatural. A existencialidade perde o seu peso e adquire o seu verdadeiro significado; as realidades aparecem com seu verdadeiro brilho; na realidade é o coração do ser humano transformado, unido por algo superior; o sofrimento, as cruzes, as provações e a morte não são meros eventos negativos e sem sentido, há uma providência em tudo.

Este dom dado por Deus é um desafio que requer muita correspondência por parte do sujeito e ajuda da graça de Deus, que só com as forças humanas simplesmente seria impossível. Daí surgem os grandes, os grandes testemunhos capazes de convencer o mundo, de atraí-lo para o bem verdadeiro que procura sem saber.

Para nós cristãos a fé é um bem capital. Nós entendemos que é um bem dado por Deus a toda humanidade; que deve ser anunciado e acolhido com liberdade. Algo de tal grandeza que muitos perderam a vida por ele. E também por seu autor ser o grandioso Deus.

Dentro desta visão é que se realiza esta pequena obra. Ciente de que não se pode dizer tudo. O trabalho não é fechado, mas aberto por que trata de questões discutíveis e a serem aprofundadas. Mas, apesar de suas limitações, espera-se que dê o seu contributo.

1. O SER HUMANO COMO ABERTURA

Quem é o ser humano? Ninguém pode dar uma resposta definitiva, uma resposta conclusiva, satisfatória que engloba tudo o que ele é. Assim, o ser humano segue sendo mistério, mistério a ser desvendado e sempre posto diante dele mesmo. "Que grande mistério é o homem" (STO AGOSTINHO, IV, 14).

É este ser um produto de uma evolução químico-biológica cega e obra do acaso? Não, pois "Deus fez o homem de caso pensado, não como o efeito colateral inesperado de algum processo químico aleatório" (ZMIRAK, 2018, p.19) Por isso que o judaísmo e o cristianismo nos legaram a concepção de que o ser humano não é produto do meio, de uma evolução cega e desinteligente, algo sem sentido, mas fruto do amor, do amor de Deus, uma vez que "[...] Deus é amor" (1Jo 4,8).

Todos os questionamentos, todos os esforços para desvelar, responder à pergunta sobre o que é o ser humano "[...] torna mais agudo que nunca, o problema de saber quem é o homem" (MONDIN, 1980, p.62).

Uma das interrogações mais freqüentes e atormentadoras do nosso tempo diz respeito ao homem e ao sentido da sua presença na terra. Quem sou eu? De onde venho? Para onde vou? São interrogações que afloram irremediáveis do profundo da alma em todas as estações da vida e da história. O homem das cavernas e o homem dos arranha-céus estão irmanados pela angustiante necessidade de encontrar as radicais razões da própria existência, das próprias fadigas, da própria luta e da própria morte. (FANZAGA, 2007, p.11).

O ser humano é um ser completo ontologicamente: alma e corpo, o encontro de duas realidades distintas, mas unidas substancialmente, sem confusão e sem contradição. Contudo, isto não significa que respondemos a tudo, que tudo que dissemos dele se reduza à alma e ao corpo.

O que isto significa? Que o ser humano é mais do que podemos detectar com o nossos sentidos, está além de nossas cogitações, afirmações e deduções. Nestas perspectivas também conclui Bondin:

E não se pode deixar de corroborá-lo, uma vez que, devido à complexidade de seu ser, físico e psíquico ao mesmo tempo, confinado a uma pequena zona do espaço com seu corpo, mas em condições de galgar todos os confins do universo com a sua mente, esta é efetivamente uma realidade da qual é impossível obter-se uma compreensão e dar uma explicação segura e exaustiva (MONDIN, 1980, p. 63)

Há neste ser características que manifestam a sua condição de ultrapassar a si mesmo, de ir além de sua própria realidade, de não ficar reduzido ao próprio umbigo, às suas situações, sua realidade ontológica.

Estas características são a sua vontade própria e a sua inteligência, sua capacidade de escolha e a sua capacidade de conhecer. Uma que se realiza no bem, a outra que se realiza na verdade, uma que tem sede do bem e a outra da verdade.

Dentro desta visão panorâmica, podemos perceber que este ser, por sua natureza, está aberto ao relacionamento, à comunicação, a receber e a dar-se inteiramente aos outros, a indagar. Ao mesmo tempo completo em si mesmo, mas aberto aos seus pares. O ser humano é uma realidade para viver consigo mesmo, com seus semelhantes, com a natureza, com o universo e, para além de tudo isto, viver com Deus em seu reino, plena realização.

A sua natureza o abre aos outros em grau maior do que a dos demais seres, pois sua realidade ontológica imutável não é algo fechado, estagnado, uma redoma, mas dinâmico, vivo, que procura, que busca os outros, que questiona, que pulsa para a vida. O exemplo clássico é o que a Sagrada Escritura ensina, logo nos tempos primordiais, lá está Deus criando e organizando a criação, mas notou que, apesar do relacionamento positivo do homem com a natureza, havia como que uma ausência, o homem percebeu que não havia outro igual a ele, todos os seres tinham seus iguais, menos ele. Nota-se que mesmo com Deus e a criação, o homem se sentia aberto a uma outra realidade, que evidentemente não poderia explicar, mas que intuitivamente sabia que poderia ser uma igual a ele."[...] Não é bom que o ser humano esteja só. Vou fazer-lhe uma auxiliar que lhe corresponda" (Gn 2,18). Isto demonstra que há uma abertura no ser humano que o faz capaz de se dar e receber, de se complementar mais e mais com os outros. Então, percebe-se que o ser humano quer ser feliz, está aberto à felicidade; o seu coração é o trono da felicidade.

Enfim, pudemos dissertar e concluir que o ser humano é uma realidade que está aberta aos outros, e que só se realizará na medida que preencher esta abertura com coisas que dão sentido à sua existência. A consciência desta abertura nos levará a outros fatores que nascem da exigência natural do ser humano; que o fazem necessitado, mendigo dos outros.

1.1 A LIBERDADE

Nesta exposição partimos para o tema da liberdade que está teoricamente ligado ao anterior, uma vez que o ser humano é um fato aberto, necessariamente a liberdade tem de fazer parte de sua natureza.

Conforme Mondin: liberdade "[...] denota a propriedade própria e exclusiva que o homem tem de ser senhor dos próprios atos e, portanto, responsável pelas próprias ações" (MONDIN, 1980, p. 374).

Numa perspectiva, a liberdade, diante da inteligência e da vontade, parece ser um fenômeno que brota espontaneamente da relação entre estas duas características, como fruto consequencial e natural de suas atividades. Uma vez que apeteendo ao bem e conhecendo a verdade, entra em ação a liberdade de escolha, sem a qual a pessoa seria autômata e/ou indiferente. A pessoa é capaz de optar para o bem e para o verdadeiro ou para o contrário que lhe pareça o bem e o verdadeiro. Não que o bem e a verdade dependam da subjetividade da mesma, mas são coisas reais que se propõem à pessoa.

Um outro ponto de vista se faz notar, a inteligência tem como função específica o conhecimento, abstrair as essências das coisas como fez Adão ao ser-lhe apresentado por Deus as criaturas:

[...] Então o Senhor Deus formou da terra todos os animais selvagens e todas as aves do céu, e os trouxe ao ser humano para ver como os chamaria; cada ser vivo teria o nome que o ser humano lhe desse. E o ser humano deu nomes a todos os animais domésticos, às aves do céu e a todos os animais selvagens [...] (Gn 2,19-20).

A inteligência possui a função de conhecer a verdade das coisas que se lhe impõem de fora, por isso não é ela que cria a verdade, mas a descobre, a reconhece fora de si mesma. Daí ser o objeto da inteligência a verdade, o verdadeiro que satisfaz a inteligência, o seu objetivo, seu fim. Isto significa que a nossa mente deve estar embebida pela verdade das coisas, de nós mesmos, dos outros e, enfim de Deus: "[...] a Verdade [...]" (Jo 14,6).

Mas ao contrário, a vontade busca o bem, o bem das coisas: " E Deus viu tudo quanto havia feito e achou que era muito bom [...]"(Gn 1,31). Enquanto a lógica das coisas se impõem à inteligência, não lhe permitindo furtar-se a ela, a vontade busca o bem, mas não se deixa impor por ele, permanece majestosamente independente, soberanamente dona de si mesma, podendo

acatá-lo ou rejeitá-lo ao seu critério. A vontade é um fator humano muito interessante pelo fato de poder decidir à verdade e ao bem e/ou a um e/ou a nenhum, desta feita se torna o centro do ser humano sem, evidentemente, menosprezar a inteligência que é a luz, os olhos da vontade.

Noutra perspectiva, deduzimos que a vontade é a origem real da liberdade, a liberdade nasce desta fonte como sua raiz, a liberdade não seria um fenômeno derivado de ambas inteligência e vontade, mas seria inerente à vontade. Assim, aquilo que chamamos de liberdade nada mais é do que a própria vontade, não se pode conceber a liberdade desligada, alheia à vontade como algo solto, sem firmeza, instável, mas como a própria vontade, a vontade em ação, no ato do seu agir.

Embora seja o ser humano também matéria, é mais do que isto, pois "a matéria é determinismo férreo [...]" (FANZAGA, 2007, p.29). "O corpo é feito de matéria, sujeito a leis universalmente válidas e constantes" (FANZAGA, 2007, p.29).

Deduzimos, pois, que a liberdade não depende da matéria, mas é uma entidade espiritual que faz a pessoa ser mais do que a matéria, torna-a idônea para agir e se responsabilizar pelos seus atos. A pessoa não seria pessoa se não fosse livre, livre até mesmo da matéria, do próprio corpo, este depende radicalmente da liberdade. Não significa que a matéria seja má, seja descartável, mas que a vontade livre toma as decisões, podendo acarretar benesses ou tragédias ao próprio corpo.

O ser humano é livre, ou seja, possui vontade própria, livre, capaz de tomar decisões fundamentais que o coloca em estado totalmente contrário ao oposto, são estados formais, isto é, conscientes, livres (atos humanos), que tornam a própria vontade conforme ao ato que executou e/ou intencionou executar. Estas decisões têm o poder de tornar a pessoa boa ou má, convertê-la naquilo que deseja ser em sua vida e, ao mesmo tempo, com todas as conseqüências derivantes, pois tais atos geram sérias conseqüências na alma, afetando até mesmo o corpo e a sociedade, como a corrupção que faz mal à nação e/ou a santidade que faz bem ao sujeito e ao povo.

O ser humano cioso de sua liberdade, defendendo-a, como se deve, deve ao mesmo tempo está consciente que esta mesma liberdade tem dois gumes e o saber manejá-la é sabedoria. Pois, a liberdade não pode ser usada

de forma irresponsável, segundo as paixões, as próprias opiniões, quando erradas, mas de acordo com o bem verdadeiro. Enfim podemos concluir este tema com duas observações importantes, que são as pontas do assunto:

[...] ao menos num ponto existe o consenso quase universal: a liberdade é o maior título de nobreza de que o homem é dotado, e por isso constitui também o seu primeiro direito, direito sagrado e inviolável (MONDIN, pág. 374).

Em João Paulo II, ele reconhece a importância da liberdade, o seu valor, o dever que se tem de defendê-la, mas observa com sabedoria: "[...] a liberdade é ampla, mas limitada" (PAULO II, 1993, p.60).

1.2 A BUSCA

Os dois tópicos anteriores nos prepararam para este terceiro que é como a consequência lógica e a razão das demais colocações que se fará ao longo desta dissertação.

Com o que foi exposto, podemos perceber que os dois temas anteriores constituem a base, o fundamento do tema atual: a busca.

Sendo o ser humano abertura, inteligência e vontade, ele é alguém que, em sua inquietude, procura a razão de si mesmo e sua plena realização que chamamos de felicidade. Mas será esta felicidade algo real e acessível ou mero desejo? De onde brota este desejo? É algo racional? Mas o que no ser humano não é racional? Se a pessoa deseja, procura, busca é porque é algo racional e acessível, por exemplo a fome é real e tem o seu correspondente, o alimento; a sede é real e tem o seu correspondente, a água; os olhos, os objetos, as cores; os ouvidos, os sons; a inteligência, o conhecimento; a vontade, o bem.

O ser humano, porém, é mais do que a matéria, esta é racionalizada pelo racional humano, então os desejos humanos superam os desejos necessários da matéria, ultrapassando-os. "No fundo dos prazeres vãos que chamo em meu auxílio, encontro dissabores que me sinto morrer [...]" (PHILLIPON, 2008, p.42). Portanto, assim como a matéria tem os seus desejos, necessidades, assim o racional tem as suas necessidades cujos objetos necessariamente são racionais a nível da inteligência e da vontade,

uma vez que estas características humanas são próprias da racionalidade humana.

O ser humano busca o infinito, está aberto ao infinito, a sua liberdade o impulsiona, a sua busca tem sede, fome do infinito, mergulhado em seu mundo, é imanente à este mundo, este mundo limitado que dá muito, mas não tudo e aí a sua insatisfação, inquietação, medo, pois ele sabe que não morre nunca, que a matéria é a sua roupa, a sua casa, a sua casca, onde se esconde, se protege, se interage, se ama.

Em sua racionalidade, o humano é mais do que se apresenta com a sua roupa de carne, com sua roupa de pele e músculos, tão importante e tão necessário, mas que com o tempo se desfaz como uma roupa velha, carcomida pela degeneração das doenças, da velhice, do tempo: "[...] O espírito é forte, mas a carne é fraca" (Mt 26,41).

A racionalidade é o espírito que não morre, indestrutivo, consciente de si mesmo. Quando a sua tenda acaba, apodrece, vira cinzas, pó, não há mais como ficar aqui, tem que ir embora, não precisa mais deste mundo; o imortal humano segue seu caminho aberto, livre e em busca do infinito; não há mais matéria; a sua roupa acabou-se e só tinha esta única casca, só lhe resta a vastidão eternal, a infinita eternidade a penetrar-lhe, voraz, força e poder: "[...] O infinito me atormenta" (PHILLIPON, 2008, p.42).

Isto significa que a busca não é uma simples busca, uma mera vaidade, mas uma exigência da sua natureza, porque há algo de maior, de misterioso, um tesouro, uma riqueza que de alguma forma o humano tem consciência, certa intuição; sabe que existe. Não foi um escritor que disse que o ser humano é um deus caído que se recorda dos céus (PHILLIPON, 2008, p.42) .

Se se tem consciência e se se sabe que há o néctar divino, o vinho divo, o sumo deleite dos deuses, então se pensa encontrar o portão deste paraíso perdido; desta terra prometida que a racionalidade almeja, mas que não sabe como é; como chegar e se existe mesmo ou não passa de uma miragem, esperança de desesperado, fugindo da implacável e voraz morte que não teme nada e nem respeita ninguém.

O coração humano é muito grande; é um abismo insaciável, insatisfeito, irrequieto, devora tudo e ainda quer mais, uma gula voraz, sem paz. Tal

comportamento nos induz a pensar que foi feito para algo maior, melhor e perfeito, porque senão não haveria desejos insaciáveis.

A partir do exposto acima, se pergunta: falta algo no homem e/ou este perdeu algo? Evidentemente que Deus criou a pessoa humana completa, com o seu coração enchido de tudo o que precisava: Deus, a criação e o próximo. Deus por ser a sua origem e significado; a criação para servi-lo e ele ser o sentido da criação; o próximo para praticar a caridade e ser amado.

Mas há algo no ser humano que denota um desequilíbrio, um estado de instabilidade, de ausência, de lacuna, que o deixa desconfiado:

[...] Então os olhos dos dois se abriram; e vendo que estavam nus, teceram para si tangas com folhas de figueira. Quando ouviram os ruídos do Senhor Deus, que passeava pelo jardim à brisa da tarde, o homem e a mulher se esconderam do Senhor Deus no meio das árvores do jardim (Gn 3,7-8).

Estas duas palavras "nus" e "esconderam", penso que sejam as centrais destes dois versos, pois nos revelam algo: Perda e Vergonha. Os humanos perderam alguma coisa de muito importante. De repente perceberam que havia uma lacuna em seus corações; alguma coisa que os preenchia, que dava-lhes estabilidade sumiu, desapareceu, como por encanto. O ser humano perdeu a fé? Perdeu a santidade original? Será isto o pecado original? "Adão e Eva perdem de imediato a graça da santidade original" (CIC 399).

O dogma do pecado original lança uma luz sobrenatural sobre a ferida que torna fraca e frágil a natureza humana. Por causa do pecado dos progenitores os homens perderam a integridade original. Nasceram doentes e em poder das paixões. O pecado que habita neles é uma força que os afasta de Deus e da prática da virtude. A alma [...] é constrangida a acertar as contas com a presença de um poder tenebroso que a ofusca e a enfraquece. (FANZAGA, 2003, p. 33).

Vergonha, sentimento de culpa, de fuga, quer ficar longe de Deus; não tem mais coragem de olhar nos olhos de Deus. Eles haviam perdido a fé em Deus; preferiram criar os seus próprios caminhos. Só lhes resta se isolar, na tristeza, angustia e solidão. Sentem-se fracos, vazios; tempestades surgem ao longe. As lutas reais acontecem no coração humano, às vezes titânicas, pelo ouro, pelo domínio deste reino sagrado, destinado para Deus, o mal invade esta terra; quer tomar posse dela:

[...] experimentam dentro de si uma profunda fraqueza pela qual são dobrados como frágeis caniços pelo vendaval das paixões. Mesmo estando o seu espírito aberto ao mistério da transcendência e do infinito amor, acabam depois por perder-se ao longo dos caminhos

terrestres das coisas efêmeras e dos falsos amores. [...] sente dentro de si uma força que o arrasta a pecar. [...] uma inclinação para o mal que ofusca e mancha o esplendor espiritual da pessoa [...] ferida misteriosa que torna sofrida e trágica a vida dos homens [...] (FANZAGA, 2003, p. 33).

Por isso nem sempre esta busca corresponde ao verdadeiro sentido existencial do ser humano: "Filhos dos homens, até quando fechareis o coração? Por que amais a ilusão e procurais a falsidade? Compreendei que nosso Deus faz maravilhas [...]" (Sl 4,3 - 4a).

Diante destas perspectivas, aparece o grito, o clamor ingente do coração humano pela verdadeira libertação, a libertação da sua vida, do seu coração, da sua existência opressa pelo mal, pelo pecado, por si mesmo e de tantas limitações que o impedem de ser verdadeiramente feliz, que o afastam da felicidade plena.

2. A RESPOSTA DE DEUS

A pessoa humana não está só. A sua existência pesa-lhe nos ombros; sabe que durará por toda a eternidade; teve um começo, mas não terá fim. Há uma certo espanto, um estupor, medo, terror, mas também fascínio. Como um jovem que se apavora e se desespera diante do fato de que existirá para sempre; nada poderá anular sua existência sem fim; sempre estaremos existindo, queiramos ou não. A nossa racionalidade é mais forte do que a morte; a morte destrói o corpo; a morte espiritual nos priva da vida de Deus, mas não aniquila a existência ontológica, pois esta depende de Deus. Eis a existência diante da pessoa! Eis a pessoa diante de sua existência! Não há um calafrio?

Só há existência? Só há o eu e/ou eus? Não! Toda racionalidade para ser racionalidade precisa de uma racionalidade que lhe seja superior e capaz de dar-lhe sentido, brilho, razão, começo e fim. Por que? Porque senão perderia sua essência de racionalidade; seria como um corpo sem cabeça, o que é um absurdo.

Diante do peso de sua existência, de suas feridas e seus clamores de desterrados, com saudade dos tempos primevos, da época áurea, há uma resposta; de onde vem esta resposta? Das profundezas da eternidade, uma luz que se vê, uma palavra que se ouve tão nítida quanto familiar, tão distante quanto perto, de dentro: "[...] Tu estavas dentro de mim [...]" (SANTO AGOSTINHO, 1997, 10, 27).

Deus vem em socorro da pessoa: "Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu filho único" [...] (Jo 3,16). Esta palavra revela o compromisso de amor da parte de Deus para com as pessoas; um compromisso que chega à doação de seu Filho amado; um sacrifício que expressa seu amor incondicional pelo ser humano, um amor responsável que não olha os pecados e maldades, mas o bem e a felicidade que o coração da pessoa anseia. O sacrifício é a expressão mais nítida do amor, pois quem ama não mede esforços para com a pessoa amada.

Tal amor é fundado na verdade, na retidão, na busca do bem do outro. Deus não o abandona, mas responde aos seus clamores. Vem ao encontro de cada pessoa como resposta, como solução aos seus anseios, às suas

expectativas; preencher os vazios de seu coração inquieto. O ser humano precisa de sentido, de razão, de paz, de certezas, de encontros que lhe dêem razão de viver. De se autorealizar.

Deus é o único que pode dar sentido à sua vida; conduzi-lo à verdadeira felicidade a qual o seu coração almeja. O amor de Deus pelos seus filhos não se detém diante de nenhum obstáculo, nem mesmo diante das grandes e "piores infidelidades" (CIC 219). Pois Deus não é um Deus distante, "transcendente", escondido, alheio à pessoa: "Revestido da nossa fragilidade, ele veio a primeira vez para realizar seu eterno plano de amor e abrir-nos o caminho da salvação" (Missal Cotidiano, 1993, p.571). Deus é amor. Este amor foi capaz de se fazer um de nós: "e o verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14).

Deus criando o homem e o dotando de todas as faculdades, inclusive da liberdade, sabendo que poderia se afastar dele, o procura como pai abnegado e visando apenas o retorno do filho pródigo: "Quando ouviram o ruído do Senhor Deus, que passeava pelo jardim à brisa da tarde [...]" (Gn 3,8).

Nota-se de passagem que Deus, apesar das infidelidades, não está ressentido, magoado e nem condenando Adão e Eva, mas continua com a mesma disposição amiga e discreta; considerando-os como amigos, não obstante a traição. A resposta do Senhor não é o mal com mal, mas atitude de paz, de reconciliação, de restauração da comunhão perdida.

Enfim, encerro este tema com as palavras do autor da biografia de São Pio de Pietrelcina:

O homem nunca está só, em momento algum [...] à medida que vai crescendo, o homem procura a si próprio e o seu próprio fim. Nessa busca, porém, não está sozinho. É continuamente assistido e ajudado por Deus, que é seu Pai.

Deus fala e sugere, manifestando-se no fundo da consciência. Então, se o indivíduo se entrega à escuta, nasce o diálogo da vida, aquilo que favorece as intuições, as orientações infalíveis em direção à meta.

Nestas considerações está contida uma verdade fundamental: a presença real e atuante de Deus na vida de cada ser humano. A Providência... Realidade infelizmente negligenciada até mesmo pelos crentes [...] (ALLEGRI, 2017, p.110).

Realmente quando a pessoa se entrega de corpo e alma ao serviço de Deus, tudo se torna motivo de servir a Deus com alegria até ao sacrifício da própria vontade, no intuito de realizar na própria vida a vontade de Deus.

2.1 O DOM DA FÉ

Após as exposições acima, sabemos que apesar da grandeza do ser humano, no entanto, ele é limitado, ou seja, há coisas que simplesmente escapam à razão humana, por serem razões de natureza sobrenatural: Deus e seus mistérios.

Deus vem até à pessoa humana, mas esta por si só não consegue ir até Deus, devido a diferença essencial de naturezas. O homem sequer sabe naturalmente a sua origem, tudo se confunde com o passar do tempo, uma nuvem cada vez mais densa torna obscuro o princípio, o começo da humanidade. A evidência torna-se mistério!!

Por isso, não basta Deus vir em busca da pessoa, mas é preciso que a pessoa tenha condições de responder ao chamado de Deus, uma vez que o homem perdera tais condições.

Deus se revela à pessoa humana:

O Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém para os convidar à comunhão consigo e nela os receber. A resposta adequada a este convite é a fé (CIC 142).

Deus é invisível, o homem jamais viu a Deus e, por isso, não por direito e/ou justiça, mas por amor à pessoa humana, como amigo, dialoga com o homem, chamando-o à comunhão original.

Deus ilumina o coração da pessoa para que acolha e aceite um diálogo permanente com Ele, através do dom da fé.

Daí, na fé, para o cristão, a existência terrena é o período "espaço-temporal" que lhe é concedido para construir a sua própria personalidade, para esclarecer a sua própria identidade, que é a de filho de Deus (ALLEGRI, 2017, p. 110).

A graça da fé ilumina, fortalece e ajuda a pessoa dar o passo livre e consciente para Deus, sem violar a inteligência e a vontade humana:

Pela fé o homem se submete completamente sua inteligência e vontade a Deus. Com todo o seu ser o homem dá o seu assentimento a Deus revelador. A Sagrada Escritura denomina "obediência da fé" esta resposta do homem a Deus que se revela (CIC 143).

Por isso a Igreja ensina que:

a fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. [...] que move o coração e o converte para Deus, abre os olhos da mente e dá a todos suavidade no consentir e crer na verdade."(CIC 153). É efetivamente mediante a fé que o homem se abre para o mistério de Deus e conhece o seu Amor. (FANZAGA, 2003, p. 33).

2.2 O ENCONTRO

O coração humano é como uma conchinha a espera de sua pérola preciosa; é como um trono, a espera do rei. Assim, o homem é sujeito do encontro com os semelhantes, com a natureza, com o mundo espiritual, sobretudo com Deus. E este encontro se dá no coração humano, o rei que chega e recebe a permissão da pessoa para tomar posse do que lhe pertence por direito e por necessidade do homem. É a partir deste encontro que se dá a realização daquilo que constitui o sumo bem do homem, a felicidade plena. Sendo assim, o conteúdo deste encontro é a comunhão entre a pessoa e Deus.

Santo Agostinho expressa isto de forma magistral:

Tarde Te amei, ó Beleza tão antiga e tão nova... Tarde Te amei! Trinta anos estive longe de Deus. Mas, durante esse tempo, algo se movia dentro do meu coração... Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava... Mas Tu Te compadeceste de mim e tudo mudou, porque Tu me deixaste conhecer-Te. Entrei no meu íntimo sob a Tua Guia e consegui, porque Tu Te fizeste meu auxílio (SANTO AGOSTINHO, 1997, p. 299).

O ser humano anseia pela felicidade. A felicidade, tema final dos grandes, constitui a plena realização humana. Mas esta felicidade não é algo impessoal, abstrato, etéreo, mas muito mais que isto, por ser algo que transcende infinitamente todos os seres criados:

[...] Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar [...] Deus não cessa de chamar todo homem a procurá-lo, para que viva e encontre a felicidade [...] (CIC 27 e 30).

Evidentemente que esta felicidade não é algo, pertencente a este mundo, mas uma realidade da fé, a fé que nos faz crer na plena realização do chamado de Deus à vida humana: "o homem com sua abertura [...] ao infinito e à felicidade, [...] se interroga sobre a existência de Deus [...]" (CIC 33). "[...] Eu era inquieto, alguém que buscava a felicidade, buscava algo que não achava [...]" (SANTO AGOSTINHO, 1997, p.190).

A busca exige necessariamente algo, uma vez alcançado é preciso que se realize o encontro que consiste na união com o objeto cobiçado. Desta forma há o início de uma fusão que se desdobra cada vez mais profunda de conhecimento, afeição e entrega recíproca.

Deus criou o homem capaz de se relacionar com Ele com a ajuda da graça, tornando, assim, possível o encontro, mas sempre com o auxílio, pois Ele é em seu mistério insondável e transcendente. Na realidade já de antemão Deus preparou todas as possibilidades de ocorrer esta comunhão de amor e vida entre Pai e filho, cujos corações se amam.

Este amor divino excede a toda compreensão humana e angélica, ao ponto de nem o mal, a ingratidão e a pequenês humanas impedirem Deus de se corresponder, mesmo sendo rejeitado, à busca humana por Ele. Ao ponto de se revelar e se tornar carne, semelhante ao humano em tudo, menos no pecado.

Para Deus não importa se há ou não resposta da pessoa, mas continua incansavelmente em busca de seus filhos, porque os ama para sempre. Por isso, este encontro deve acontecer dentro do contexto do amor, amor cujo canteiro é a liberdade, sem a qual não é possível. Se o homem é aberto ao encontro, muito mais ainda é o Deus do encontro.

A humanidade caminha sempre em busca da sua origem, mesmo inconscientemente, como que na genética humana haja algo que está profundamente enraizado no passado que continua presente. Um passado que está no DNA de cada indivíduo, clamando pela sua origem da qual não se pode furtar e na expectativa de um encontro e/ou reencontro, uma nostalgia extremamente forte, mas que se sente que também está perto, como algo familiar. Esta presença, segunda a fé cristã, é a Providência divina que se fez carne e está no meio de nós.

Por isso, a fé ajuda a pessoa a se encontrar com Deus na Pessoa de Jesus Cristo, e a partir desse encontro o coração e a mente da pessoa vão se aclarando e, assim, vai entendendo o sentido de sua própria existência: "Alegre-se o coração dos buscam o Senhor!" (Sl 105,3). Em Jesus Cristo se dá o encontro de forma cabal, porque já não se trata de Deus, mas de Deus que no seu amor se fez carne, assumiu a natureza humana na sua totalidade, para, assim testemunhar o seu grandioso amor pelos homens.

3. A FÉ INSERIDA NA EXISTÊNCIA HUMANA

A existencialidade humana se torna real pela racionalidade que dá sentido a todas as expressões existenciais fundamentais que interagem a mesma consigo e demais existencialidades. Pois, são estas atividades que tornam o ser ontológico em ação, fazendo-o sair de sua passividade e inatividade existencial. Não me refiro à metafísica, mas ao mundo psicológico que lança o sujeito à consciência de si mesmo e dos outros.

Por existencialidade, entendo todo movimento externo e interno que afetam a pessoa, fazendo-a agir de uma forma e/ou de outra. As influências externas, provindas de diversos agentes tocam o íntimo do sujeito liberando dele reações de causa e efeito. As influências internas que procedem do íntimo do indivíduo tais como: pensamentos, sentimentos, emoções, imaginação, fantasia, memória, inteligência, vontade, dores, doenças e etc. Daí o fato do homem ser um mistério metafísico e existencial.

Mas como dissemos acima, há algo no ser humano que denota um desequilíbrio, um estado de instabilidade, de ausência, de lacuna. Por isso, este organismo apresentado no parágrafo anterior, encontra-se desarrumado, desajustado, num estado que torna a existencialidade confusa, perdida como um meteoro no espaço, em conflito e conflitante, conforme provérbio popular: "de louco todo mundo tem um pouco."

É dentro deste contexto que se percebe a importância da fé cristã para a existencialidade de cada pessoa. A pessoa é insuficiente a si mesma; as coisas são insuficientes e isto acaba gerando um ingente conjunto de questionamentos, às vezes irrespondíveis. Pensemos em pessoas em situações absurdas e incompreensíveis como doenças fatais, a morte, o fim, o destino e tantos fatos fortuitos da vida diária.

Não se pode, pois, ficar reduzido apenas a esta vida, que é dom, mas em condições sujeitas a tantas efemeridades até à morte. Seria uma grande loucura por a confiança em algo tão frágil e passageiro que desaparece com o tempo.

Por outro lado, a fé abre novos horizontes; manifesta valores superiores; dá sentido à existência, às coisas, aos acontecimentos, ao sofrimento; vence a

morte; ultrapassa a temporalidade nos projetando para a eternidade; afirma o amor de Deus por nós; nos torna seguros em Deus.

A morte, enfim, torna-se um problema a ser resolvido. Problema que humanamente é insolúvel. Diante de tal fato, muitos pensam que a morte seja o fim definitivo do homem, quando se encerra a sua existência. Solução fácil e rápida, mas que não resolve a questão. Permanece um grande ponto de interrogação, o medo continua; é uma certeza incerta. O que resta senão o desespero, a insegurança, sem sentido e razão de ser; a pessoa se considera sozinha à mercê de si mesma. É o limite da razão, aqui a razão se emudece de vez, só lhe restando a confusão, a cegueira, a incapacidade de enxergar além do evidente: "Embora a razão seja uma luz, é muito fraca para compreender os mistérios de Deus sem ajuda da graça" (FANZAGA, 2003, p. 59).

A fé é a resposta para todos estes questionamentos humanos, porque faz crer, confiar e se entregar aos cuidados de Deus que culminará na vida que não se acaba:

A fé faz-nos degustar como por antecipação a alegria e a luz da visão beatífica, meta de nossa caminhada na terra. Veremos então a Deus "face a face"(1Cor 13,12), "tal como Ele é"(1Jo 3,2). A fé já é , portanto, o começo da vida eterna" (CIC 163). A fé [...] é um mergulho em um oceano de luz (FANZAGA, 2003, p. 50).

A fé ilumina a mente e o coração humano. Enquanto esta luz não entra na alma [...] "os homens acreditam ver e saber o que é necessário para a vida" (FANZAGA, 2003, p. 50). Portanto, a fé é necessária para a vida das pessoas. Não bastam a sabedoria humana, nem a ciência e tecnologia, é preciso também da fé.

Contudo, o verdadeiro problema humano não são estas coisas elencadas acima; tudo isto não passa de conseqüências de uma causa maior, e qual será?

Conforme a Sagrada Escritura Adão e Eva foram seduzidos e enganados pelo demônio, o pai da mentira (Gn 3,1-24), então a questão verdade se tornou premente e, por isso, Sto Tomás de Aquino vê a verdade como objeto de fé:

Em sentido contrário, Dionísio afirma que a fé visa a verdade simples e sempre existente. Esta, porém, é a verdade primeira. Logo, o objeto da fé é a verdade primeira. [...] Assim também na fé, se consideramos a razão formal do objeto, outra não é do que a verdade primeira: pois a fé da qual falamos não dá o seu assentimento a alguma a não ser

que seja revelado por Deus; daí se conclui que ela se apóia na verdade divina como meio (AQUINO, 2004, p. 48).

O ser humano perdendo a Deus pelo pecado, perdeu a verdade de sua vida; se perdeu nas trevas de seus erros, de seus descaminhos pois só Deus pode dar sentido à sua existencialidade: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida" (Jo 14,6).

Por isso, a fé encaminha o homem para a verdade absoluta que se manifesta por meio "[...] também de muitas outras coisas [...] enquanto elas são efeitos da divindade que ajudam o homem a tender à fruição divina" (AQUINO, 2004, p. 48).

O verdadeiro problema do homem não é, pois, os seus conflitos pessoais, familiares, sociais, políticos, econômicos, mas seu conflito com a verdade, não a verdade das coisas a princípio, porque em si são relativas, contingentes. O homem entrou em conflito com a verdade absoluta, infinita, eterna, da qual tudo depende, por ser a verdade criadora e fundamento de toda a realidade. Deu ouvido à criatura e se rebelou contra o Criador. Tudo começou a partir de uma mentira, da negação da verdade, por isso que Cristo diz: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,32). Quem é esta verdade, Cristo responde: "Eu sou [...] a verdade [...]" (Jo 14,6).

Então, o objetivo da fé é realizar o reencontro da pessoa com a verdade, não uma verdade técnica, mecânica, fria, lógica, mas com a verdade que é uma pessoa viva: "Eu sou [...] a vida" (Jo14,6).

Tomás de Aquino, sabiamente, percebeu o verdadeiro drama da humanidade, que consiste em um choque, um conflito diretamente com Deus, tanto assim que a fé é uma virtude que se liga ao próprio Deus.

Portanto, a verdadeira libertação e realização da pessoa humana se dá no seu encontro com a verdade; no acolhimento em sua vida da verdade que se faz imanente ao humano e o transcende: " e o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14a).

3.1 A VIDA CRISTÃ

Deus se revela ao homem e lhe concede o dom da fé para que possa acolher o seu chamado à vida novamente. Nesta vida, pela fé, a pessoa pode

reencontrar o que perdera pela mentira, a verdade e inicia-se a caminhada de retorno ao seu princípio originário, no qual se realizará plenamente.

A vida ordinária da pessoa cristã não se diferencia em nada da vida das demais pessoas não cristãs. Os mesmos trabalhos, as mesmas necessidades, os mesmos problemas, as mesmas obrigações, os mesmos pecados, vícios, doenças, morte. É humana como as outras pessoas em tudo e não é melhor do que elas. No entanto, tem algo que os demais não têm e aos quais é também destinada, a fé. Assim como Cristo é o Deus encarnado, o cristão é a fé encarnada, a fé se mistura à vida do cristão como a água à terra, formando uma unidade perfeita. Assim como Deus se "mistura" substancialmente com a carne e a alma de Cristo sem se confundirem, assim a fé com o corpo e a alma do Cristão.

Por isso, o cristão é o portador da fé. Ao olhar para o cristão deve-se notar esta diferença específica: está encarnado nele o dom da fé. A Igreja Católica que subsiste *in persona christi* é encharcada pela permanência imutável da fé, pois a Igreja é a depositária fiel do dom da fé e é a partir dela que se transmite a fé. É dela e nela que o cristão deve alimentar a sua fé, pois só ela tem a garantia perene da assistência do Espírito Santo, daí tudo o que diz respeito à fé está de certo modo relacionado à Igreja. A Igreja tornou-se autoridade máxima em relação à fé: "Quem vos ouve a mim ouve; quem vos rejeita a mim rejeita" (Lc 10,16) e "tu por tua vez confirma os teus irmãos" (Lc 22, 32). "Em toda fé, o decisivo é aquele cujas manifestações se consente; em relação a ele, os conteúdos aos quais se consente são, em certo sentido, secundários" (AQUINO, 2004, p. 48). A autoridade de quem testemunha é fundamental, não bastam os dados da fé, eles precisam daqueles que os expõem e lhes dão confirmação com a palavra, a fé e, sobretudo, o testemunho de vida.

O cristão é chamado não só a crer, acreditar em tudo que lhe é ensinado, as verdades de fé e de moral; isto é o básico, o fundamental, mas só isto é insuficiente, pois os dados da fé não são teorias, mas verdades, verdades que como sementes podem brotar e frutificar. Daí o grande perigo do cristão cair na hipocrisia, crer, mas não viver o que se crer. Crer e negar com a vida, se torna um contra senso inaceitável, mesmo porque a fé diz respeito a

Deus: "Fazei todo esforço possível para entrar pela porta estreita. Porque eu vos digo que muitos tentarão entrar e não conseguirão" (Lc 13,24).

Uma vez batizado, o cristão assumiu o compromisso com Deus de viver a sua vida aqui na terra na obediência à vontade de Deus, que a Igreja chama de obediência da fé:

Obedecer na fé significa submeter-se livremente à palavra ouvida, visto que a sua verdade é garantida por Deus, a própria Verdade, desta obediência, Abraão é o modelo que a Sagrada Escritura nos propõe e a Virgem Maria, sua mais perfeita realização (CIC 144).

A partir do momento que aceita e recebe a fé, a vida da pessoa já não lhe pertence; assim como o Cristo se lhe entregou de forma irrevogável, ela se lhe entregou irrevogavelmente.

Então, há uma obrigação moral para com Deus de doravante obedecê-lo em tudo, seguindo os passos de Cristo: "E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz" (Fl 2, 8).

Dentro destes aspectos, se percebe que a existencialidade do cristão se encontra embebida pela fé e sem que se saia de sua realidade humana, mas nela mergulhado, é chamado a transcendê-la; a se elevar acima desta vida pela graça de Deus.

A fé faz com que o sobrenatural se concretize na realidade humana, embora escondido pela sua natureza espiritual e invisível, se faz presente e a fé capta a sua presença: "Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que não se veem" (Hb 11,1).

Então, o cristão é o portador do sobrenatural na sua carne, na sua alma, com sua presença, com sua vida; é o sinal visível do invisível no e para o mundo. O batismo o configurou a Cristo, por isso, pode-se dizer que o Cristão é um *alter Christi*, que pode agir in *persona Christi* por causa do batismo. É o discípulo de Cristo que pela força do sacramento do batismo se torna: rei, sacerdote e profeta:

Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo [...] todos vos sois um só em Cristo Jesus [...] da descendência de Abraão, herdeiros segundo a promessa (Gl 3, 26-29).

Há, porém, graus de fé em meu ponto de vista: os que acreditam na existência de Deus; os que se esforçam com muita dificuldade com relação à

fé; os que já vivem a fé; os que se abandonam nas mãos de Deus: *in te projectu*.

De qualquer forma com mais ou menos fé, o cristão continua sendo uma presença que indica que Deus está entre nós. Não estamos jogados às traças. Que a sua presença forte, poderosa podemos captá-la pela fé.

A fé não é um dom para se guardar, mas uma dádiva de Deus para se espalhar a todos os cantos e recantos, a toda a humanidade. Todos são chamados à salvação:

O povo, que andava na escuridão, viu uma grande luz; para os que habitavam nas sombras da morte, uma luz resplandeceu. Fizeste crescer a alegria, e aumentaste a felicidade; todos se regozijam em tua presença como alegres ceifeiros na colheita, ou como exaltados guerreiros ao dividirem os despojos (Is 9,1-2).

A fé não visa apenas o seu portador, não só em benefícios deste. Mas a todos o gênero humano. E hoje em dia, de modo especial, requer um testemunho não só com as palavras, mas sobretudo com a maneira de viver, com a santidade de vida que requer muito esforço e uma fé robusta.

3.2 O TESTEMUNHO

Como portador do mistério em sua vida, o cristão é enviado, uma obrigação moral, a anunciar a fé a todos os povos: "E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16,15) e "E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações [...]" (24,14).

Mas sem testemunho, não há convencimento, não há adesão, não há interesse por parte das pessoas; continuam frias, indiferentes; se há algum interesse é por questões humanas, mas sem a graça de Deus. Por que? Porque a pessoa é agradável; porque adula; porque se coloca no lugar de Jesus Cristo. E quando falta tal pessoa toda a emoção se esvazia.

As faculdades e universidades, tantos eventos, tantas palavras, livros, conferências e debates não conseguem convencer uma mosca; só vazio, indiferença, perda de tempo, coisas vãs. Tudo isto só serve para satisfazer a

vaidade humana, o orgulho e o desprezo ao próximo: "Ilusão, pura ilusão – diz Coélet – ilusão, pura ilusão! Tudo é ilusão" (Ecl 1, 2).

O grande desafio de sempre da Igreja não é a conquista da simpatia do mundo, Cristo morreu crucificado, mas gerar santos, autenticidade; realizar a vontade de Deus; ser um sinal de contradição diante do mundo: "[...] Este menino está destinado a ser ocasião de queda e elevação de muitos em Israel e sinal de contradição" (Lc 2, 34). Ser este sinal de contradição significa a verdade, a fé, a esperança, a caridade perfeita, mesmo que custe a vida; ser santo. Isto é um choque violento com o mundo que pensa e age ao contrário.

Quem são os santos? São pessoas que neste mundo viveram intensamente a fé, em meio as mais diversas vicissitudes, aos mais duros golpes da vida e/ou a vida diária até ao heroísmo. Cristãos que viveram o ordinário de suas vidas até a perfeição da caridade.

Os santos são o ouro, o diamante, a riqueza, as pedras preciosas, as gemas da Igreja. Nossos exemplos, nossos heróis, nossos líderes. Nossos verdadeiros atores e atrizes vivos, dinâmicos.

O motor dos santos é o amor; amam de verdade! Amam com o próprio sangue! Amam com a verdade!

Eles são presenças mais sensíveis de Deus entre nós. Eles são os únicos capazes de convencer os homens a respeito de Deus e da fé, porque são sinceros, verdadeiros, genuínos, transparentes, acreditam com a vida. Os únicos capazes de arrastar multidões como o Senhor. São Cristo vivo em nosso meio! O Papa Francisco falou sobre os santos como “testemunhas e companheiros de esperança” (PICHEL, Vaticano, 2017).

Segundo Renzo Allegri:

Todos os santos são hiperativos, têm fogo nas veias, vivem de amor e de altruísmo e devem agir em favor dos outros. O seu coração é um vulcão cheio de lavas prestes a explodir. A sua mente elabora continuamente projetos e idéias. Não conhecem o repouso nem o cansaço, e, ainda menos, o tédio. Os místicos, portanto, contrariamente, ao que se poderia pensar, são ainda mais surpreendentes. Basta pensar em Santa Teresa de Ávila ou em Santa Catarina de Sena (ALLEGRI, 2017, p. 420).

Papa Francisco nos fala da importância da santidade:

É o grande presente que cada um de nós poderá dar ao mundo. Que o Senhor nos dê a graça de acreditar tão profundamente Nele

chegando a se tornar imagem de Cristo para este mundo. A nossa história precisa de “místicos”: pessoas que rejeitam qualquer domínio, que aspiram à caridade e à fraternidade. Homens e mulheres que vivem aceitando também uma porção de sofrimento, porque carregam também a fadiga de outros. Mas sem esses homens e mulheres o mundo não teria esperança. Por isso desejo a vocês – e desejo a mim também – que o Senhor nos dê a esperança de sermos santos (PICHEL, Vaticano, 2017).

Precisamos de santos; o mundo precisa desses mestres (as) que ensinam com a vida. Peçamos ao Senhor da messe que envie santos à sua vinha. Ou santos ou mundo se perde! “Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é Perfeito” (Mt. 5,48). Dai-nos Santos, Senhor!!!

Para encerrar este último tópico, vejamos o que pensa a Igreja a respeito da santidade. Uma vez que a Igreja tem como função a santificação das almas pelos seus ensinamentos e sacramentos. Porém antes de propor a santidade para os outros, é preciso que os pastores se esforcem para alcançá-la como testemunho aos irmãos na Exortação Apostólica Pastores Gregis diz o Papa São João Paulo II:

Uma imagem bíblica, que parece particularmente adequada para ilustrar a figura do Bispo como amigo de Deus, pastor e guia do povo, é a figura de Moisés. O Bispo pode tirar inspiração do seu ser e agir de pastor, escolhido e enviado pelo Senhor, seguindo corajosamente à frente do seu povo a caminho para terra prometida, intérprete fiel da palavra e da lei do Deus vivo, mediador da Aliança, insistente e confiante na oração pela sua gente. Tal como Moisés que, depois do colóquio com o Senhor na montanha santa, voltou para o meio do seu povo com o rosto resplandecente (cf. Ex 34, 29 - 30), assim também o Bispo só poderá mostrar entre os seus irmãos os sinais de ser pai, irmão e amigo, se tiver entrado na nuvem obscura e luminosa do mistério do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Iluminado pela luz da Santíssima Trindade, o Bispo será sinal da bondade misericordiosa do Pai, imagem viva da caridade do Filho, transparência humana do Espírito, consagrado e enviado para guiar o Povo de Deus pelas sendas do tempo na sua peregrinação para a eternidade. /.../. O dom da plenitude do Espírito Santo, que o Bispo recebe na Ordenação Episcopal, é um significativo e premente apelo para favorecer a ação dele na comunhão eclesial e na missão universal./.../. A santidade do Bispo terá de ser sempre vivida com o povo e para o povo, numa comunhão que se torne estímulo e mútua edificação na caridade. E não se trata de exigências secundárias ou marginais; de fato, é precisamente a vida espiritual do Bispo que favorece a fecundidade da sua obra pastoral. Porventura não é na meditação assídua do mistério de Cristo, na contemplação apaixonada do seu Rosto, na imitação generosa da vida do Bom Pastor que se encontra o fundamento de qualquer pastoral eficaz? Se é verdade que o nosso tempo se caracteriza por contínuo movimento e freqüente agitação, com o risco de se cair facilmente no «fazer por fazer», então o Bispo deve ser o primeiro a mostrar, com o exemplo da sua vida, que é preciso restabelecer o primado do «ser» sobre o «fazer» e, mais ainda, o primado da graça, que, segundo a perspectiva cristã da vida,

é também princípio essencial para uma «programação» do ministério pastoral (cf. PG 12). “Em primeiro lugar, os pastores do rebanho de Cristo, à semelhança do Sumo e Eterno Sacerdote, pastor e bispo das nossas almas, desempenhem o próprio ministério santamente e com alegria, com humildade e fortaleza; assim cumprido, também para eles será o seu ministério um sublime meio de santificação. Escolhidos para a plenitude do sacerdócio, receberam a graça sacramental para que, orando, sacrificando e pregando, com toda a espécie de cuidados e serviços episcopais, realizem a tarefa perfeita da caridade pastoral, sem hesitarem em oferecer a vida pelas ovelhas e, feitos modelos do rebanho (cfr. 1 Ped. 5,3), suscitem na Igreja, também com o seu exemplo, uma santidade cada vez maior” (LG 41. Maria, nossa Mãe seja sempre nossa mestra e companheira na caminhada em busca da santidade (V Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 53ª Assembleia Geral da CNBB Aparecida, 15 a 24 de abril de 2015, 18C/53ª AG (Sub) Vocação à Santidade).

A Igreja recebeu de Deus a missão de transmitir a fé. E pudemos ver isso ao longo desta exposição. Dada a condição humana apresentada neste trabalho, se faz urgente a transmissão da fé. É Deus se manifestando a cada ser humano, como resposta a seus anseios, provações, morte. Não só para resolver os seus problemas existenciais, mas, sobretudo, o problema entre os dois: o homem e Deus. Deus vem em busca do homem para perdoar, curar, salvar; a resposta do homem deve ser acatar a fé e vivê-la até à sua plenitude, na qual Deus e o homem serão um só, Deus na carne, o homem no Espírito.

CONCLUSÃO

Embora a fé seja uma virtude diretamente relacionada a Deus, não está, contudo, alheia à realidade humana nesta vida, pelo contrário, torna-a mais premente. A questão humana é de seu relacionamento com Deus. Pois tudo acaba se desembocando na questão religiosa, e esta está profundamente arraigada na existência humana.

A razão do ateu é uma questão religiosa; dos cristãos, uma questão religiosa; dos indiferentes, uma questão religiosa. Tudo vai se reduzir ao problema com Deus. É um círculo, sempre volta a Deus. O ser humano está profundamente ligado a Deus por um cordão umbilical.

Ao longo deste trabalho, tentou-se expor a importância da fé na vida humana em seu dia a dia. Acredita-se que não se falou tudo, tal a natureza, a amplitude e importância do assunto; não se ousou a tanto. Contudo, foi um começo; o início de futuras pesquisas por parte de outros que venham a se interessar pelo tema para enriquecê-lo e aprofundá-lo.

Enfim, acredita-se que a fé pode dar a cada pessoa o seu contributo decisivo. A fé, portanto, segundo a visão cristã, é fundamental para o ser humano. Pois, o ser humano criado por Deus, depois do pecado, busca respostas acerca de si mesmo, de sua origem, seu fim, de tudo que acontece em sua existência.

A visão humana se tornou embotada, como em um nevoeiro no qual vê, mas não entende; as coisas não são claras e a distância do tempo de sua origem começa a se tornar mistério. O homem se perde no tempo e em sua angústia de cada dia, mas seu coração sangrando aspira o seu fim original.

Então nos perguntamos se fé seria capaz de responder as questões fundamentais do coração humano.

A partir de toda a pesquisa, acreditamos que sim; acreditamos que Deus pela fé revelou ao homem o seu significado, o seu sentido, a sua grandeza, o seu fim original. Acreditamos que Deus revelou ao homem o seu amor incondicional. Deus é amor e, por isso, a base o fundamento, a raiz, o sumo original do ser humano é o amor. Sem o amor a pessoa morre, seca, se atrofia, Então, a pessoa é amada por Deus e enviada a amar a Deus nos outros.

Assim percebemos o quanto a fé é útil às pessoas. Não há outro caminho. Não adianta tentar esconder a chaga do coração, recorrendo ao materialismo, ao hedonismo, ao intelectualismo etc. Para nós só há um caminho, o caminho da fé e fé nos diz que Deus está acima de todos os caminhos.

Então, a resposta de Deus é a fé. A fé que ajuda a pessoa a enxergar que sua existência não é um nevoeiro, uma escuridão, mas que ela continua a ser querida por Deus, procurada por Ele e Ele está bem pertinho, em seu coração.

Enfim, acreditamos que nosso propósito atingiu o seu objetivo. Que respondemos o quesito proposto. E que demos o nosso pequeno contributo, tentando demonstrar que a fé é importante à vida da pessoa humana. Não quer dizer que o assunto está esgotado e respondemos tudo. Mas o caminho é longo e misterioso.

A profundidade da alma humana é ilimitada em relação as criaturas, por isso nunca a pessoa está inteiramente satisfeita enquanto não entrar em comunhão com o Ilimitado, único capaz de completá-la inteiramente (LAGRANGE, 2018, p. 31).

Que o cristianismo seja um testemunho verídico de uma fé viva diante do mundo. Deste mundo que anda em busca do seu significado; que precisa da luz da fé para enxergar além das aparências; que entenda que a verdadeira riqueza é simplesmente o amor.

REFERÊNCIA

AQUINO, Tomás de, **Suma Teológica**, São Paulo, SP, Ed. Loyola, 2004.

ALLEGRI, Renzo, **Padre Pio, Um santo entre nós**, São Paulo, SP, Ed. Paulinas, 2017.

BÍBLIA SAGRADA, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2012.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, Petrópolis, RJ, Brasil, Ed. Vozes, 1993.

CNBB, **Vocação à Santidade**, 53ª Assembleia Geral, Aparecida, SP, 2015.

FANZAGA, Lívio, **As virtudes Teologais**, São Paulo, SP, Ed. Ave-Maria, 2007.

HIPONA, Santo Agostinho, **Confissões**, São Paulo, SP, Ed. Paulus, 1997.

LAGRANGE, R. Garrigou, O.P., Campinas, **O Homem e a Eternidade**, SP, Ed. Ecclesiae, 2018.

MONDIN, Battista, **Introdução à Filosofia**, São Paulo, SP, Ed. Paulus, 1980.

MISSAL DOMINICAL, **Prefácio do Advento I**, São Paulo, SP, Ed. Paulus, 1995.

PHILLIPON, Marie-Michel, **O Sentido do Eterno**, São Paulo, SP, Ed. Formato, 2008.

PICHEL, Miguel Pérez, **O que se deve fazer para ser santo na vida cotidiana? Papa Francisco responde**, Acidigital, Vaticano, 2017.

PAULO II, PAPA SÃO JOÃO, **Exortação Apostólica Pastores Gregis**, São Paulo, SP, Ed. Paulinas, 2003.

PAULO II, João, **Splendor Veritatis**, São Paulo, SP, Ed. Paulinas, 1993.

ZMIRAK, John, **Manual do Politicamente Incorreto do Catolicismo**, Campinas, SP, Ed. Vide Editorial, 2018.